

resistir à sina:  
 nota d'*a plebe* sobre os anarquistas  
 presos na clevelândia

*Luíza uehara*

No Oiapoque, remota fronteira do Brasil com a Guiana Francesa, foi inaugurada, durante o governo de Arthur Bernardes (1922-26), a Colônia Penal Clevelândia, campo de concentração destinado àqueles tidos como os mais perigosos da época, com destaque para os anarquistas. A Clevelândia fez parte de uma política repressiva voltada, principalmente, aos anarquistas, que incluiu uma lei de expulsão de estrangeiros envolvidos em subversões, em 1907, conhecida como Lei Adolfo Gordo, e a lei de repressão ao anarquismo de 1921. Apesar da dura perseguição, a persistência na luta dos anarquistas levou a um enrijecimento ainda maior da repressão, redundando na construção dessa isolada prisão da qual nenhum contestador deveria sair vivo.

A história da Clevelândia apareceu ao longo dos 10 anos de **verve** em textos como o de Pedro Catallo, intitulado “Subsídios para a história do movimento social no Brasil”, publicado no número 11 da revista. Nele, o sapateiro anarquista fala da violência do campo no Oiapoque e de como os anarquistas recusaram o destino a que lhes condenaram, inventando fugas. Conta Catallo como Domingos Passos,

*Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol, bacharel e mestranda em Ciências Sociais pela PUC-SP.*

anarquista negro, conseguiu fugir enfrentando a selva, a fome, os rios e correntezas, além dos tremores e espasmos da febre palustre que contraíra no Amapá. Passos venceu todos esses obstáculos, conseguindo chegar ao Rio de Janeiro, onde não deixou de atuar nos círculos anarquistas.

Além de Domingos Passos, a Clevelândia registrou outras fugas de anarquistas. Em 12 de fevereiro de 1927, o número 245 do jornal libertário *A Plebe*, – fundado por Edgar Leuenroth em 1917 para intensificar a divulgação dos anarquismos às vésperas de greve geral daquele ano –, trouxe cartas de deportados às regiões inóspitas do norte. Nelas, comunicavam a situação em que os libertários se encontravam, entre eles, Pedro Motta, que fora diretor desse jornal. Os textos dessa edição reproduziam tais cartas e notas para dar informações sobre a situação dos companheiros presos, informando sobre quem havia morrido e sobre quem conseguira fugir.

Nos recortes d'*A Plebe* estampados em **verve dobras** escancara-se e comemora-se a fuga dos anarquistas para a Guiana Francesa e a situação precária em que se encontraram depois. Sem pretender construir mártires, *A Plebe* buscou dar notícias daqueles de quem não se sabia o paradeiro, a fim de que pudessem ser apoiados onde estavam para, num futuro próximo, terem como voltar ao Brasil e à sua militância. Assim, são transcritas aqui uma seleta dessas notas, além de imagens do próprio jornal, um dos mais importantes do anarquismo brasileiro da primeira metade do século XX. A resistência impressa nas páginas d'*A Plebe* vibrou em sintonia com a dos corajosos anarquistas mandados para o isolamento, doença e morte no Oiapoque. Muitos puderam fugir, negando com vigor a sina que o Estado e a sociedade brasileira procuraram lhes impor. Outros sucumbiram, mas seu destino tornou-se ato de luta nas páginas libertárias d'*A Plebe*.